

RESENHA SOBRE LIVRO "Topologia da ação mental: introdução à teoria da mente", de Ana Maria Guimarães Jorge

por Maria Amelia de Carvalho (UNESP-Marília)

O livro *Topologia da ação mental: introdução à teoria da mente* de Ana Maria Guimarães Jorge nos oferece uma leitura atenta e criativa acerca da teoria peirceana da mente. É uma leitura que demanda um encontro com uma complexidade de conceitos caledos cópicos, pois se multiplicam e se conectam, inesgotavelmente, mas há nela caminhos lúdicos, pois a obra é um quebra-cabeça prazeroso que nos leva ao encontro de conceitos e temas tão relevantes à Filosofia da Mente, como por exemplo: pensamento, cognição, mente, matéria, diagrama, real, virtual, estados mentais, consciência, metafísica, lógica e etc.

A obra de Ana Guimarães nos possibilita entender a extensão do conceito de mente em qualquer tipo de processo biológico ou mesmo físico. Oferecendo inúmeras possibilidades de explorar o argumento peirceano de continuidade entre mente e matéria, a autora aponta que as bases para o entendimento peirceano da relação entre mente e matéria estão na consideração de que ambas são da mesma natureza.

De acordo com o pensamento ocidental moderno, a natureza e a mente estão em domínios diferentes. Peirce enumerou suposições sobre o mundo físico que recusam admitir ruptura absoluta na continuidade do tecido dos fenômenos e mesmo no mundo das idéias. Neste sentido, as leis físicas se derivam das psíquicas.

Ana Guimarães aponta para o monismo da mente ou Idealismo Objetivo de Peirce esclarecendo que a relação entre mente e matéria é vista por Peirce nos seguintes termos, matéria é mente cristalizada por hábito e o universo tem a substância da mente.

Levando-se em conta que no contexto lógico da semiótica de Charles Sanders Peirce mente é sinônimo de semiose, ou ação do signo, é no conceito peirceano de continuidade que se aproximam as idéias de semiose e de aquisição de hábitos. Na perspectiva peirceana hábito é uma generalidade real e todo hábito tem ou é uma regra geral, e o que é geral se refere a um futuro indefinido. A tendência da mente à adquirir hábitos, se estende a de generalizar e gerar associações, e esta característica é o que marca o caráter infinito da semiose.

Apontando para a relevância da incerteza na lei peirceana da mente, a existência de uma indeterminação real no universo que não a indeterminação gerada pela ignorância humana sobre a lógica dos eventos cotidianos (CP 6.57), Ana Guimarães (2006: 93) destaca

que no contexto da metafísica e da semiótica de Peirce, mente é sinônimo de continuidade, a autogeração de novos hábitos, a continuidade da semiose.

Outro aspecto fundamental desenvolvido por Ana Guimarães é o que a autora elabora partindo das concepções peirceanas de mediação e representação, desde a base metafísica à cognitiva. Encontra-se no livro de Ana o conceito de cognição e de inferência fundamentado na obra de Peirce. Cognição é definida por Peirce no *On a new list of categories* (CP 1.545-67) como um processo inferencial embasado na tríade signo, objeto, interpretante, em que todo pensamento ou representação cognitiva é um signo cuja relação é triádica, e isso significa um rompimento com a visão tradicional nominalista da intuição.

Peirce trabalha a idéia de pensamento e de realidade por meio da percepção, inter-relacionando signo e objeto, e o pensamento com a ação deliberada, por meio do pragmatismo, resolvendo a indagação de como o pensamento ou crença, é capaz de conduzir a conduta (CP 5.213-357). Peirce considera que todo pensamento se dá em signos e que a cognição consiste em uma relação triádica entre sujeito e objeto que é mediada pelo signo.

Ana Guimarães (2006: 43) esclarece que na teoria peirceana da mente o pensamento é entendido como um processo ininterrupto que transcorre em pensamentos precedentes e subsequentes, sob relação sígnica triádica, fundamentando a teoria do conhecimento. Deste modo, todo pensamento é diagramático e todo diagrama é um ícone de relações inteligíveis, ou "expressão genuína do pensamento".

A autora indica que há duas teorias da cognição na obra peirceana: de 1867 a 1870, cognição é entendida como proposição; e de 1871 a 1880, a teoria do pensamento-signo é evidenciada com a negação da idéia de incognoscível, da intuição e da introspecção cartesianas, ao passo que desenvolve os princípios de crença e dúvida e métodos para fixação das crenças. Assim a mente cognitiva é aceita como inferencial encontra apoio na teoria peirceana do pensamento-signo.

Ana Guimarães (2006: 106) comenta que na concepção peirceana o processo cognitivo é inferencial, portanto sígnico e dispensa a consciência do "eu penso". A tendência própria do signo é aquela de determinar outro signo, dando fluxo ao pensamento que é signo (CP 5. 253). A generalidade do processo cognitivo se estende para *ad infinitum* (CP 5. 260).

O real, então, para Peirce, é aquilo no qual, mais cedo ou mais tarde, a informação e o raciocínio resultarão finalmente, e que é portanto independente das minhas e das suas fantasias. Assim, a verdadeira concepção de realidade mostra que esta concepção implica essencialmente a noção de uma comunidade sem limites de finidos e capaz de um aumento de conhecimento indefinido (CP 5.311).

Neste sentido Ana Guimarães (2006: 98) aponta que realidade nada mais é do que uma idéia geral, ou personalidade coletiva (CP 5.119 1903), em busca do desenvolvimento de criações mentais, cuja influência mútua é estímulo ao desenvolvimento da ininterrupta pesquisa humana acerca da inteligibilidade do cosmos.

É muito interessante o modo como Ana Guimarães aborda o tema "topologia da ação mental" na perspectiva peirceana de uma termodinâmica mental. A autora (2006: 137) reitera que para sustentar a hipótese de unificação da ação física e psíquica Peirce considera que as forças conservativas nos processos físicos da natureza "não governam nada, exceto as relações espaciais das partículas e reagem umas sobre as outras tanto mais fortemente quanto mais próximas estiverem umas das outras" (CP 7.523). Por outro lado, o não-conservativo se relaciona a fenômenos irreversíveis que rumam ao estado final (CP 7.471 1898), ou seja, eventos no mundo formam uma sequência unidirecional: por exemplo, a reconstituição de um ovo quebrado em seu estado de ovo inteiro não é reversível.

Ana Guimarães indica que é no princípio da segunda lei da termodinâmica que se desenvolve a concepção de entropia de um sistema isolado, ou de modo aproximado seu grau de desordem, que tende a crescer no tempo. Essa lei da termodinâmica dos processos físicos irreversíveis na natureza expõe uma evidente assimetria entre direções passada e futura, ao longo do eixo do tempo. Deste modo, Ana Guimarães (2006: 138) comenta que na obra de Peirce, a metáfora da flecha do tempo apontando para o futuro, por exemplo, não significa que ela esteja se movendo para o futuro, tais quais os ponteiros de uma rosa-dos-rumos ou de uma bússola, mas corporificando assimetria.

Resumindo: Peirce sustenta que a física sutil dos processos irreversíveis transforma o fluxo do tempo em um aspecto objetivo do mundo. De modo especial Ana Guimarães desenvolve a hipótese acerca do caráter essencial icônico do conceito de diagrama e da possibilidade de conceber os protodiagramas.

Trabalhando as bases da teoria peirceana da percepção para a geração de idéias sob associação por semelhança e contiguidade, Ana Guimarães indica que a idéia de protodiagramas surge para compor o processo de associação mental e retenção qualitativa da memória, ou melhor, numa relação eficiente protodiagramática para a geração de idéias sob associação por semelhança e contiguidade.

Ana Guimarães (2006: 109) indica que na lei peirceana da mente, a tendência de associação, manifesta na natureza, para a generalização e aquisição de hábito, sustenta a possibilidade de continuidade dos eventos. O infinitesimal possui capacidade de retenção



qualitativa, por disposição natural da mente, ou memória, dos caracteres do continuum em que transcorre sob possibilidade de atualização de idéias.

Ana Guimarães comenta que Peirce se refere a um estado associativo germinal de proto-diagramas que tendem à atração e separação acásicas, auto-assimilando algo das qualidades dessas atrações não duradouras, até que haja fusão de idéias, perda de intensidade, mas ganho de generalidade pela força de uma determinação relacional com seu substrato de segundidade.

É preciso notar que de acordo com Peirce “em momento algum, num estado mental, há cognição ou representação, mas na relação dos estados mentais, em momentos diferentes, há. Ana Guimarães indica (2006: 114) que Peirce rejeita enclausurar o conhecimento do mundo externo como sujeito e derivado dos moldes da autoconsciência humana, pois toda cognição surge de um processo contínuo, o que se inicia, por sua vez, é um processo de cognição similar ao da lógica processual dos fatos externos (CP 5.267 1868).

Na obra peirceana, diagrama é tido como um “ícone de relações” e, em sua generalidade, todo diagrama é formal, icônico e remático. Diagrama é um signo de possibilidade qualitativa para seu interpretante, ou seja, é um objeto possível. Sendo assim, Ana Guimarães aponta que são “aspectos relacionais”, com possibilidade de representar ‘formas relacionais’, sendo que a força de atualização característica do raciocínio humano é diagramática, e não procura diagramas em sua individualidade, mas é a passagem de um diagrama para outro que sustenta a possibilidade de ver algo de uma natureza geral (CP 2.282 1903).

Ana Guimaraes (2006: 111) comenta que a associação de idéias por semelhança é um modo fundamental de associação, pela qual semelhança consiste em uma associação devido ao substrato implícito do pensamento (CP 7.394 1893). Na associação por semelhança, uma idéia evoca a idéia do campo em cuja eficiência implícita da mente a coloca, enquanto que na associação por contiguidade uma idéia evoca outra de um campo em que a experiência a tem colocado. Sob o princípio de associação por contiguidade, um hábito adquirido da mente, a mente humana atribui ênfase a algumas semelhanças ou diferenças. Desse modo, a Sucessão inferencial se faz, por conseguinte, sob mediação.

Ana Guimarães (2006: 120) aponta que a questão relativa ao modo como se dá o processo de mediação se desenvolve nos seguintes termos: na teoria peirceana da mente acontece experiência de unidade de consciência pela aproximação de idéias conduzidas por ações fortuitas, reunidas em idéias gerais na produção de associações mentais, prenunciando o crescimento da terceiridade, sendo que a unidade de consciência não é de origem fisiológica,

mas metafísica. Esta afirmação se esclarece do seguinte modo:... “O pensamento não está necessariamente conectado a um cérebro”. Com essa frase, Peirce compreende o pensamento como inerente à natureza do mundo. Neste sentido, negar a realidade das cores, das formas e dos objetos “é ser levado a alguma forma de idealismo nominalista...” (CP 4.551 1906) e, não faz sentido considerar o pensamento como meramente ou exclusivamente subjetivo (CP 5.597 1898).

Ana Guimarães (2006: 123) ressalta que de acordo com Peirce “Os pensamentos são derivados de sensações que têm origem no real e são fundamentos para as conclusões do raciocínio. A realidade das coisas e das experiências é externa a uma mente” (CP 7.338 1873).

Considerando que “todo pensamento é diagramático e todo diagrama é um ícone de relações inteligíveis, ou “expressão genuína do pensamento”; de acordo com Peirce há três elementos para a definição de pensamento: função representativa, aplicação denotativa e qualidade material. Os elementos qualidade material, conexão real, e função representativa para a configuração de pensamentos, são interdependentes e inseparáveis; o que de acordo com a observação de Ana Guimarães (2006: 19) sugere a importância dos fatos externos para a formação do processo cognitivo humano.

Ana Guimarães (2006: 123) esclarece que para Peirce “o que é externo à mente é o que é a despeito de quais sejam nossos pensamentos sobre qualquer assunto; exatamente da forma que é real aquilo que o é, não importam quais sejam nossos pensamentos a respeito daquela coisa em particular”. E não há objeção em se dizer que esta realidade externa provoca a sensação, e que por meio da sensação originou toda aquela cadeia de pensamento que finalmente levou à uma conexão habitual de idéias(CP 7.354 e 359 1873); à crença(CP 7.339 1873).

Assim, na teoria peirceana da mente, o processo de conexão entre idéias é um hábito da mente (CP 358 1873) e a significância intelectual de todo pensamento está ultimamente nos seus efeitos sobre nossas ações. Peirce considera que “Pensamento é um hábito-crença que se inicia vago e se torna mais geral e preciso, de modo ilimitado, formando um processo de desenvolvimento na imaginação, por exemplo, de um indivíduo (CP 3.158 1880).

Ana Guimarães (2006: 174) comenta que na perspectiva peirceana, todas as cognições contêm termos gerais e vagos, permitindo a plena autogeração interpretativa do signo em outro signo, sob a continuidade espaço-temporal, o que possibilita múltiplas e futuras interpretações, base para toda significação (CP 5.287 1868). Tanto continuidade temporal quanto espacial é plausível no ver peirceano e tem sua gênese no princípio de



possibilidade que é geral. Cabe dizer que na obra peirceana tempo é continuidade (CP 1.384 1890).

Indicando que é necessário um transcorrer temporal, caracteristicamente irreversível, para que o diagrama seja experienciado, Ana Guimarães (2006: 139) alerta que se o pensamento requer temporalidade para transcorrer em seu fluxo dinâmico, não há porque desconsiderar a importância dos fatos externos sobre uma consciência individual na determinação de cadeias de cognições e de signos (CP 5.251 1868).

Ana Guimarães (2006: 181) esclarece ainda que na obra peirceana a virtualidade do protodiagrama compreende virtual como “potencialidade real de existência sob processo de retenção qualitativa infinitesimal que fortuitamente se espalha e gradativamente se atualiza em conexões mentais possíveis”. Contudo, virtual não deve ser confundido com potencial, que não tem eficiência atual nele mesmo, pois é na atualização associativa de idéias que o virtual atinge a extensão de seu grau de eficiência no tempo, e suas gradações de sentidos possíveis, parte-passado-parte-vir-a-ser, podem indutivamente se fazer desvendadas ao longo do caminho pela investigação.

Ana Guimarães reitera que o princípio de continuidade entre mente e matéria fundamenta a idéia de protodiagramas na formação da mente natural, figurando a realidade que impõe reconhecimento como alguma coisa que não a criação de uma mente em particular (CP 7.659 1903).

Indicando que protodiagrama virtual é a idéia de diagrama no seu sentido mais geral e vago, Ana Guimarães (2006: 215) o considera aberto a transformações e misturanças, fazendo-se processo contínuo na dança híbrida de qualidades de sentimento que se assimilam e aos poucos se fundem sob atração irresistível, oferecendo coloração às idéias. Mente diagramática, por sua vez, é pensamento em ato, atualizando-se em pensamentos subsequentes e a trajetória dos fenômenos naturais e da ação humana é teleologicamente traçada no próprio ato irresistível de viver, ou seja, de escolher caminhos por uma idealidade que se objetiva em atualizações.

Por fim, é importante notar que os conceitos discutidos no livro de Ana Guimarães não se referem apenas à Filosofia da Mente, mas igualmente abordam questões referentes à Ciência Cognitiva. António Machuco Rosa (2001) discutindo as relações entre a Semiótica de Peirce e as Ciências Cognitivas considerou que um projeto cognitivo assentado num quadro semiótico como o de Peirce ainda não se encontrava sistematicamente desenvolvido. Do mesmo modo, no prefácio ao livro de Ana Guimarães, Lucia Santaella (2006) considerou que, com exceção do conceito da abdução, a ciência cognitiva ainda não descobriu Peirce.

Deste modo, concordando com essas afirmações, devemos reconhecer as importantes contribuições trazidas pelo livro de Ana Guimarães aos atuais e futuros caminhos das pesquisas realizadas nas áreas da Ciência Cognitiva, Filosofia da Mente, bem como, na área da Semiótica Cognitiva, recente área de pesquisa na qual os fundamentos conceituais ainda se encontram abertos à construção.

